



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

NECESSE EST TE OPERAM MIHI DARE: uma análise linguístico-literária das construções
impessoais do latim clássico

KLEVELAND CRISTIAN BARBOSA

Rio de Janeiro
2017

KLEVELAND CRISTIAN BARBOSA

NECESSE EST TE OPERAM MIHI DARE: uma análise linguístico-literária das construções
impessoais do latim clássico

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Latim.

Orientador: Prof. Dr Pedro Baroni Schmidt

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Kleveland Cristian

B238n NECESSE EST TE OPERAM MIHI DARE : uma análise
linguístico-literária das construções
impessoais do latim clássico / Kleveland
Cristian Barbosa. -- Rio de Janeiro, 2017.
48 f.

Orientador: Pedro Baroni Schmidt.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
- Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Letras, Licenciado em Letras:
Português - Latim, 2017.

1. Construções impessoais no latim
clássico. 2. Gêneros do Discurso. 3. Teoria
dos Atos de Fala. 4. Linguística Funcional
Centrada no Uso. 5. Gramática de Construções .
I. Schmidt, Pedro Baroni , orient.
II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me dado forças para seguir com a minha caminhada e me ajudado a superar os obstáculos que encontrei pelo caminho.

Gostaria de dedicar o presente trabalho aos meus avós paternos, Isabel e José; maternos, Olindina e Amélio, e a meu avô de coração Manuel Cabral. Dedico também aos meus pais, Maria Catarina e José Manoel; às minhas irmãs, Kelly Cristina e Ketty Regina; ao meu irmão Clésio (*in memoriam*) e ao meu cunhado, Anderson Alves, por todo o apoio ao longo dessa jornada. Obrigado por todo o amor e por me aturar durante as minhas crises de mau humor e de estresse por conta da aproximação dos prazos. Dedico também ao meu sobrinho, Cauã, que não tem noção do quão importante é na minha vida. Amo vocês!

Agradeço também aos professores e amigos dos colégios Raio de Sol e Gama & Souza, onde cursei o C&A, o ensino fundamental, o ensino médio e o curso técnico. Eu não teria conseguido chegar à faculdade sem o apoio de vocês. Deixo registrado um obrigado especial às minhas professoras de Língua Portuguesa, Dalva Moreira, Patrícia Rezende e Martha Lúcia, que me apoiaram sempre para eu seguir carreira na área de Letras.

Prosseguindo com os agradecimentos, gostaria de deixar aqui registado um muito obrigado às pessoas maravilhosas que integram essa grande família chamada Faculdade de Letras. Obrigado, professores do Departamento de Vernáculos (Beatriz Christino, Vinicius Maciel, Cláudia Cunha, Humberto Soares, Mônica Orsini, Célia Lopes, Ana Paula Quadros, Sofia de Sousa, Rafael Mendes, Luciana Salles, Maluh, Marcus Salgado); do Departamento de Linguística (Diogo Pinheiro, Karen Sampaio, Suzi Lima, Lilian Ferrari); do Departamento de Letras Clássicas (Katia Teonia, Pedro Baroni, Alice Silva, Ana Theresa, Arlete Motta, Auto Lyra e Alex Fabiano) e às professoras de Didática Ana Cristina e Maria Fernanda Alvito por toda a assistência que vocês me deram ao longo da graduação, seja esclarecendo minhas dúvidas por e-mail e após as aulas, seja me enviando materiais extras de estudo. Gostaria de agradecer também a todos da família D&G (professores e alunos) por todo incentivo e apoio no prosseguimento da minha Iniciação Científica. O apoio e carinho de vocês foram fundamentais na minha formação.

Agradeço também aos professores com os quais não tive a oportunidade de ter aula, mas que me ajudaram e apoiaram ao longo dessa caminhada. Notadamente, Gean Damulakis (Departamento de Linguística), Simone Bondarczuk e Carlos Scherer (Departamento de Letras Clássicas).

Quero deixar também registrado um agradecimento especial aos meus orientadores de Iniciação Científica/ pais, Karen Sampaio e Diogo Pinheiro, e de monografia, Pedro Baroni. Incluo nesta lista também a professora Kátia Teonia – com a qual tive a incrível oportunidade de desenvolver projetos de extensão para a Faculdade de Letras – e o professor Roberto Freitas que me ajudou também no desenvolvimento deste trabalho. Vocês são incríveis! Obrigado por toda a paciência, todo o carinho e toda a dedicação ao longo destes anos. E que venham mais anos assim!

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer aos meus amigos. Em especial, à turma da LEA (Gabriel Dottling, Fabiana Alencar, Rodrigo Tiradentes, Lucas Laurentino, Jéssica Pinheiro, Isadora Araújo e Amanda Calazans); à minha família de Letras Clássicas (Jessica Cândida, Marcelle Benetti, Marcelle Mayne, Wallace Pontes, Myllena Barbalho, Thais Vinhas, Lúcia Pestana, Danilo Julião, Anderson Julião, Michelly Alves, Tamiris Penha, Esther Marrie, Amanda Alves, Mariana Marinho, Ivanise Gomes, Denise Eugênio, Thaís Chagas, Thais do Patrocínio, Juliana Katsopolis e Yasmim Leite); às minhas amigas de Árabe (Debora Ramalho e Tays Paulino) e de Literaturas do curso noturno (Ana Paula e Katia Fernandes). Estar ao lado de vocês durante a graduação, fez com que meus dias fossem mais alegres e leves. Sempre que precisarem, podem contar comigo. Quero levar a amizade de vocês para a vida toda!

Sumário

1. Introdução	10
2. Revisão da literatura.....	13
2.1. Definição e subclasses dos verbos e locuções impessoais	13
2.2. Regência dos verbos e expressões impessoais	15
2.3. Realização do sujeito e forma casual	16
2.4. Tempos e vozes do verbo no Infinitivo	17
3. Pressupostos teóricos.....	19
3.1. Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)	19
3.2. Gramática de Construções (GC)	20
3.3. Teoria dos Atos de Fala (TAF)	21
3.4. Gêneros do Discurso segundo Bakhtin	23
4. Sobre o <i>corpus</i> e a metodologia	26
5. Análise dos dados.....	28
5.1. Sobre a construção [ADJ _{NECESS} est (SUJ) V _{INF}]	28
5.1.1. Adjetivo instanciado.....	28
5.1.2. Preenchimento do slot do Sujeito.....	29
5.1.3. Forma Casual do Sujeito expresso	31
5.1.4. Tempo e Voz do Verbo no Infinitivo	33
5.1.5. Classe verbal do Infinitivo	35
5.1.6. O gênero literário e a Semântica da Construção	37
5.2. Sobre a construção [V _{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V _{INF}]	38
5.2.1. Tempo do verbo impessoal	38
5.2.2. Preenchimento do slot do Sujeito.....	39
5.2.3. Forma Casual do Sujeito expresso	40
5.2.4. Tempo e Voz do Verbo no Infinitivo	41
5.2.5. Classe verbal do Infinitivo	43
5.2.6. O gênero literário e a Semântica da Construção	45
6. Considerações Finais	46
Referências Bibliográficas.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADJ	Adjetivo
Car.	<i>Carmina</i> (Poemas, de Catulo)
Fam.	<i>Epistulae ad Familiares</i> (Cartas aos Familiares, de Cícero)
Gal.	<i>De Bello Gallico</i> (Sobre a Guerra da Gália, de César)
GC	Gramática de Construções
INF	Infinitivo
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
NECESS	Necessidade (Adjetivo de)
PASS	Passado
PRES	Presente
Nat.	<i>De Rerum Natura</i> (Sobre a natureza das coisas, de Lucrécio)
SUJ	Sujeito
TAF	Teoria dos Atos de Fala
Ver.	<i>In Verrem</i> (Verrinas, de Cícero)

NECESSE EST TE OPERAM MIHI DARE: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-LITERÁRIA DAS CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS DO LATIM CLÁSSICO

1. Introdução

O presente trabalho visa investigar como as construções impessoais [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] e [V_{IMP PRES/PASS} (SUJ) V_{INF}] do latim clássico se relacionam em uma rede construcional. Assim, para fins de estudo, consideramos as locuções *opus est* e *necesse est*¹ para as construções do primeiro tipo e os verbos impessoais *licet*, *placet*, *oportet*, *decet* e *libet*² para as do segundo tipo. Essas construções parecem funcionar em latim como alternativas gramaticais para se expressar os valores de (i) **Constatação** de uma dada situação experienciada pelo enunciador (1); ou de (ii) **Recomendação** direcionada a um interlocutor (2); ou ainda de (iii) **Ameaça** do enunciador contra o seu interlocutor (3):

(1) “... sed mea praediola tibi nota sunt; in his **mihi necesse est esse**, ne amicis molestus sim..” (CÍCERO, *Fam.*, 2.16)

Glosa: mas minhas pequenas propriedades por ti conhecidas são; em estas eu necessário é estar, para que não a amigos irritante seja.

Tradução: Mas minhas pequenas propriedades foram conhecidas por ti; nelas, **é necessário** que **eu esteja** nelas, para que eu não seja irritante aos meus amigos.

(2) “Denique res auro non aurum copulat una, aeri que [aes] plumbo fit uti iungatur ab albo? Cetera iam quam multa **licet reperire!**” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 6.1082)

Glosa: finalmente coisa a ouro não ouro liga uma, ao bronze [bronze] por chumbo acontece que é ligado por branco? Outras já quão muitas é lícito reparar!

Tradução: Finalmente, não acontece que uma coisa que liga o ouro ao ouro e o bronze é ligado ao bronze pelo chumbo branco? **É lícito** que já **repares** quão muitas (são) as outras coisas!

(3) “Quid erat autem quod quisquam diceret aut defenderet? 'Cleomenem **nominare non licet.**' at causa cogit. ' moriere , si appellaris'...” (CÍCERO, *Ver.* 2.5.110)

¹ Às vezes grafado *necessest*, principalmente na poesia, por questões métricas.

² Às vezes grafado *lubet*.

Glosa: Que havia mas que alguém poderia dizer ou defender? ‘Cleomenes nomear não é lícito’ mas situação obriga.’ morrerás, se nomeares.

Tradução: Mas o que havia (lá) que alguém poderia dizer ou alegar? Não é lícito **nomear Cleomenes**. Mas a situação obriga. Morrerás, se nomeares.

Para a realização do presente estudo, foram coletadas e analisadas tais ocorrências em textos latinos escritos no período Republicano (509 – 27 a.C.). Os seguintes gêneros e obras foram contemplados: cartas pessoais (*Epistulae ad Familiares* de Cícero, escritas entre 62 – 43 a.C.), discurso jurídico de acusação (*In Verrem* de Cícero, escrito 70 a.C.), poesia didática (*De Rerum Natura* de Lucrécio, escrito no século I a.C.), poesia lírica, iâmbica e elegíaca (*Carmina* de Catulo, escrito no I a.C.) e comentário de guerra (*De Bello Gallico* de Júlio César, escrito 50 a.C.), todos presentes na plataforma *Perseus Digital Library*.

Quanto aos objetivos, pretendemos verificar como o gênero literário influencia na força ilocucionária veiculada por essas estruturas. Uma primeira hipótese é a de que a poesia didática de Lucrécio e a historiografia de César, por serem tipos textuais predominantemente descritivos, apresentam uma tendência maior de recrutar construções de Constatação do que a epistolografia ciceroniana, que, por seu turno, permitiria uma maior expressão de pessoalidade e, portanto, recrutaria mais construções de Recomendação e Ameaça. No meio do caminho, teríamos as Verrinas de Cícero e a poesia catuliana, que poderiam selecionar sem distinção qualquer uma das três construções a fim de se alternar momentos de “neutralidade” – descrição de eventos por meio da construção impessoal de Constatação – com os de maior expressividade – por intermédio das construções de Recomendação e de Ameaça.

Ainda com relação às hipóteses, acreditamos que as estruturas de Recomendação e Ameaça tenderiam a apresentar predileção pelo preenchimento do *slot* do sujeito, por serem atos de fala diretivos³. Outra hipótese é a de que esses mesmos atos de fala não instanciam verbo no Infinitivo passado, uma vez que, para se efetuar uma Recomendação ou uma Ameaça, a ação verbal não pode estar acabada. Finalmente, como última hipótese, no sentido oposto, a estrutura de Constatação tenderia a apresentar maior frequência de apagamento do sujeito e a recrutar verbo no Infinitivo em qualquer tempo – sendo, dentre as três, a que tem menos restrições morfo sintáticas e semânticas dentre as três.

Uma das motivações para esta pesquisa é a ausência de uma literatura especializada que trate dessas forças ilocucionárias veiculadas por essas construções impessoais. Além

³ Entende-se como ato de fala diretivo aquele que é proferido visando agir sobre o interlocutor, por exemplo, proibições, pedidos, agradecimentos etc.

disso, busca-se ampliar o tratamento sintático dado a essas estruturas da língua latina por meio de uma análise à luz da abordagem descritiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (Barlow & Kemmer, 2000; Martelotta, 2011; Traugott e Trousdale 2013, 2012; Bybee, 2010 e 2015), segundo a qual a gramática é vista como um organismo maleável que se molda aos usos linguísticos do falante. Assumimos também os pressupostos teóricos da Gramática de Construções (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Alonso, 2010; Traugott, 2008), um modelo de gramática que considera que o conhecimento linguístico do falante está estruturado em uma rede de construções, que podem ser entendidas, por seu turno, como pareamentos de forma e função.

O presente estudo está estruturado em seis capítulos. No capítulo 2, apresentam-se algumas propriedades morfossintáticas das construções – tais como subclasses (seção 2.1.), regência dos verbos impessoais (seção 2.2.), realização e forma casual do sujeito da oração encaixada (seção 2.3.), tempo e voz da forma verbo-nominal instanciada pela construção (seção 2.4.). Para tanto, serão comparadas as abordagens de três gramáticos: Ernesto Faria (1958), José Besselaar (1960) e Pierre Grimal (1986). No capítulo 3, serão apresentados os principais pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (seção 3.1.) e da Gramática de Construções (seção 3.2.) que norteiam esta pesquisa. Além disso, serão apresentadas também a teoria dos atos de fala (seção 3.3.) e a teoria bakhtiniana de gêneros do discurso (seção 3.4.), que consideram que os falantes estão sempre tentando mudar uma situação do mundo e nos convencer do seu ponto de vista por meio da linguagem. O capítulo 4, por seu turno, será dedicado à apresentação e justificativa da escolha do *corpus* bem como da metodologia de análise adotada. No capítulo 5, será realizada a análise empírica dos dados coletados, tendo em vista a descrição das propriedades morfossintáticas de cada construção e a comparação com as prescrições das gramáticas elencadas no capítulo 2. Finalmente, no capítulo 6, sintetizaremos as principais conclusões advindas da análise dos dados e proporemos como as duas construções impessoais em foco – a saber [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] e [V_{IMP PRES/PASS} (SUJ) V_{INF}] – se relacionam em uma rede construcional.

2. Revisão da literatura

2.1. Definição e subclasses dos verbos e locuções impessoais

Consultando as gramáticas latinas de Ernesto Faria (1958), Besselaar (1960) e Grimal (1986), verifica-se que, nas seções destinadas ao estudo dos verbos em foco no presente estudo – a saber, *licet/ licuit, placet/ placuit, oportet/ oportuit, decet/ decuit e libet / libuit* –, os autores os categorizam como impessoais e dão maior relevo à peculiaridade sintática desse tipo de verbo: a ausência de um sujeito a quem se possa atribuir a ação verbal:

Chamam-se verbos impessoais aqueles cuja ação não é atribuída propriamente a um sujeito animado ou inanimado, sendo conjugado apenas nas terceiras pessoas do singular dos diferentes tempos e no infinitivo. Naturalmente, tais verbos não têm imperativo. (FARIA, p. 228);

Alguns verbos latinos ativos admitem apenas a forma impessoal (3ª pess. sg. e Inf. da V. A.; às vezes, gerúndio e part.; raramente, 3ª pess. sg. da V. P.), isto é, não têm sujeito propriamente dito. (Besselaar, p. 55)⁴;

Como em português, são empregados na 3ª pessoa do singular de todos os tempos e no infinitivo. (Grimal, p. 73)⁵.

Em direção oposta, temos o trabalho de Murachco (2009), que considera problemático rotular tais verbos como impessoais:

No entanto certos verbos podem expressar a ação que se completa em si mesma, sem referência a um sujeito ou a um objeto. Nesse caso é usada a desinência da terceira pessoa do singular cuja origem é o pronome neutro, o que é lógico, já que normalmente o neutro nem é gênero nem número. Como só apresentam a terceira pessoa do singular a denominação de “verbos unipessoais” parece convir melhor e evitar a contradição que gera a palavra “impessoal” quando na realidade são verbos flexionados na terceira pessoa do singular. (p. 167)

A autora prefere o emprego da nomenclatura verbos *unipessoais* a verbos *impessoais*, uma vez que tais formas apresentam somente uma pessoa – a terceira do singular, assinalada pela desinência *-t* – e, portanto, o rótulo *impessoal* se mostra contraditório, uma vez que remete a uma forma verbal desprovida de marca pessoal.

Retornando à abordagem tradicional, aqueles três primeiros autores tecem ainda breves comentários acerca das subclasses verbais que compõem essa grande categoria, como as dos verbos **incoativos**, que indicam o início da ação verbal, os de **fenômenos da natureza** e os de **expressão de sentimentos**. Podemos resumir essas subcategorias na tabela a seguir:

⁴ No fragmento, V.A. é a abreviatura de Voz Ativa, V.P. de Voz Passiva, Inf. de Infinitivo e Part. de participípio.

⁵ Grimal escreve originariamente em francês. A nota em questão, portanto, é por parte do tradutor.

FARIA	BESSELAAR	GRIMAL	EXEMPLOS
Fenômenos da natureza	Fenômenos naturais	Atmosféricos	<i>fulgurat, lucet</i>
Incoativos	–	–	<i>lucescit, uesperascit</i>
Sentimento	Afeto	Expressão de sentimento	<i>libet/ lubet, pudet</i>
–	Possibilidade, Conveniência, Necessidade, Acontecimento	Evidência, Conveniência e Necessidade	<i>decet, licet, placet, oportet</i>
–	–	Eventualidade	<i>accidit, fit</i>

Tabela 1: Tipos de verbos impessoais segundo as gramáticas tradicionais do latim clássico.

Então, considerando a proposta acima de Besselaar (1960), selecionamos as seguintes subcategorias de verbos impessoais para este estudo: **verbo de afeto** (*libet, libuit*); **verbos de possibilidade/conveniência/necessidade/acometimento** (*decet, decuit; licet, licuit; placet, placuit; oportet, oportuit*).

Avançando nas seções em que se apresentam os tipos de orações latinas, em especial as Infinitivas Subjetivas, os autores voltam a tratar desses tipos de verbos, expandindo essa categoria ao acrescentar as chamadas *expressões/ locuções impessoais*, como *necesse est/ necessest, opus est, falsum est, turpe est* etc. Faria (1958) faz a seguinte observação acerca da baixa frequência dessas locuções impessoais no Latim Clássico quando comparado com a fase Arcaica:

Cumpre notar que embora seja muito grande o número destas expressões formadas de um substantivo acompanhado do verbo *sum* [...], entretanto, são elas mais encontradas no latim arcaico e na língua da poesia sendo relativamente raras em Cícero e César. (p. 415)

Do excerto acima, conclui-se, portanto, que nas cartas pessoais e nas Verrinas de Cícero, bem como no comentário de guerra de César, a presença daquelas locuções impessoais será menos produtiva do que na poesia de Catulo e de Lucrécio. Isso porque, por motivos de recorte metodológico, consideraremos tais construções impessoais somente no Latim Clássico do Período Republicano (509 – 43 a.C.).

Feitos esses primeiros apontamentos, na próxima seção, trataremos da regência dessas construções, isto é, do tipo de oração encaixada requisitada pelo predador da oração matriz com base na proposta de Faria (1958 e 1967).

2.2. Regência dos verbos e expressões impessoais

Faria (1958) comenta que a maioria desses verbos e expressões impessoais, além de regerem **Oração Infinitiva**, admitem ainda a construção de *ut* ou de *quod* (equivalentes ao complementador⁶ “que” da Língua Portuguesa) acompanhado de **Subjuntivo**. O uso desses complementadores, ainda segundo o autor, é condicionado pelo tipo de cláusula subjetiva: se esta expressar algo do âmbito da realidade, usa-se *quod*, mas, do contrário, emprega-se *ut*. Em consulta ao *Dicionário Escolar Latino – Português* (1967) do mesmo autor, confirmamos essas informações acerca da regência e obtemos outras, como, por exemplo, o fato de alguns desses verbos impessoais poderem reger oração com Subjuntivo sem conector, construção chamada **Absoluta**, a respeito da qual Faria comenta em sua gramática:

Estas orações substantivas justapostas em subjuntivo sem conectivo são ainda particularmente frequentes para completarem o sentido de verbos impessoais, ou expressões impessoais, como *decet*, *licet*, *oportet*, *aequum est*, *optimum est*, *opus est*, *necesse est*, etc [...] Cumprer notat que estas construções [...] representam, mesmo no latim arcaico, vestígios de antiga construção paratática, sendo, pois, mais comum no latim arcaico, e com maior razão no latim clássico, virem tais orações introduzidas por *ut* [...] Enfim, faremos notar igualmente estas construções de orações justapostas em subjuntivo, como vestígios de antiga parataxe, não se devem explicar por uma simples elipse, da conjunção *ut*, como geralmente se faz, mas como a construção original que precedeu, pois, a forma de subordinação por meio de um conectivo (p. 405 – 406).

Do excerto acima, conclui-se, portanto, que, no latim clássico, a construção de verbo/locução impessoal regendo Subjuntivo sem conector será menos frequente nos dados coletados para esta pesquisa e que, portanto, será mais produtivo o uso do complementador *ut* nesse tipo de oração. Porém, por questões de recorte metodológico, contemplaremos somente os verbos e locuções impessoais que regem Infinitivo, tal como no exemplo a seguir:

(4) “Quo cruciatu sit adfectus **venire** in mentem **necesse est** omnibus, cum esset vinctus nudus in aere, in imbri, in frigore” (CÍCERO, *Ver.*, 2.4.87)

Glosa: Por qual torneamento seja acometido vir mente necessário é de todos, quando estivesse encolhido nu em ar livre, em chuva, em frio.

Tradução: É **necessário vir** à mente de todos por qual tormento foi acometido, quando estava encolhido nu ao ar livre, na chuva, no frio.

Isso tendo sido exposto, na seção subsequente, abordaremos as propriedades morfossintáticas do sujeito nessas construções. Cabe observar que, no Latim Clássico, aquele

⁶ Consideramos como complementador o conector usado nas orações subordinadas completivas (equivalentes à conjunção integrante nas orações subordinadas substantivas da Gramática Tradicional).

pode vir expresso ou não, e, quando realizado, pode figurar sob a forma de três casos: Nominativo ou Acusativo. Discutiremos, então, quando haverá ocorrência de cada um desses casos e consideraremos mais um não contemplado pelas gramáticas latinas: o Dativo.

2.3. Realização do sujeito e forma casual

Com relação ao sujeito desse tipo de construção latina, os três autores considerados no presente estudo comentam que, assim como na Língua Portuguesa, aquele pode não vir expresso (5). No entanto, se tal *slot*⁷ da oração instanciada pelo verbo/ locução impessoal estiver preenchido, o sujeito pode figurar no caso Nominativo, quando o verbo se apresenta flexionado, ou no Acusativo (6), quando integra uma *Oração Infinitiva com Acusativo*. A respeito dessa última sintaxe, Murachco (2009) comenta:

Nesses verbos o sujeito é propriamente interno ao verbo, como decet [convém], miseret [ter compaixão], em que a idéia seria decus decet (a decência obriga...) ou miseria miseret [a compaixão atinge...] [...] A pessoa atingida por esse sentimento se expressa normalmente no acusativo. (p. 83).

(5) “Quippe Ø⁸ **videre licet** vivos existere vermes stercore de taetro...” (LUCRÉCIO, *Nat*, 2. 871 – 872)

Glosa: De fato ver é lícito vivos surgir vermes esterco de abominável.

Tradução: De fato, é lícito Ø **ver** que os vermes vivos surgem do abominável esterco.

(6) “nam quod cumque suis mutatum finibus exit, continuo hoc mors est illius quod fuit ante. proinde **aliquid superare necesse est** incolume ollis...” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 1. 670 – 67)

Glosa: com efeito pois em qualquer circunstância de seus modificado limites sai, imediatamente isto morte é daquilo que foi antes. portanto algo restar necessário é incólume daqueles.

Tradução: Pois quando algo modificado, em qualquer circunstância, sai dos seus limites, isto é imediatamente a morte daquilo que foi antes. Portanto, é necessário que **algo** reste incólume daqueles (incêndios).

Há ainda de se considerar que os três autores assinalam que, na oração subordinada, pode figurar um nome no Dativo. A sintaxe desse Dativo é chamada de **Dativo de Interesse** (7), que designa um complemento semântico (não requisitado pelo predicator) e que indica

⁷ Entendem-se como *slot* lacunas sintáticas.

⁸ Tal símbolo representa ocorrência de sujeito nulo.

em benefício ou em prejuízo de quem a ação verbal é desencadeada (em latim, *Datiuus commodi/ incommodi*).

(7) “sed tamen, quoniam **mihi** pro coniunctione nostra vel **peccare** apud te in scribendo **licet...**” (CÍCERO, *Fam.*, 13.18)

Glosa: mas contudo, uma vez que a mim por amizade nossa até cometer falta para você em escrever.

Tradução: Mas, contudo, uma vez que **é lícito a mim**, pela nossa amizade, até **cometer falta** no escrever para você.

Porém, observando ocorrências similares à (7), verifica-se que nessa construção, mais do que um complemento semântico, esse tipo de Dativo apresenta a função de **sujeito semântico** do evento verbal – e não sintático por não estabelecer concordância com o verbo. Mais especificamente, tal dativo esvazia o caráter volitivo do sujeito e o transfere para o contexto comunicativo. No caso de (7), Cícero pode cometer faltas no escrever para seu interlocutor não porque queira, mas sim por ter uma relação de amizade com ele.

Em suma, como no presente estudo iremos considerar somente a construção impessoal que rege Infinitivo, o sujeito, quando expreso, virá predominantemente no caso Acusativo, havendo também algumas ocorrências no Dativo. Portanto, as ocorrências com Nominativo não serão consideradas por questões de recorte metodológico.

Na próxima seção, apresentaremos em que tempo (passado, presente ou futuro) e em que voz verbal (ativa, passiva ou depoente) pode figurar o Infinitivo instanciado por essas construções impessoais.

2.4. Tempos e vozes do verbo no Infinitivo

Os três autores são unânimes em definir o infinitivo latino como uma forma verbo-nominal do gênero neutro, desprovida de marcas número-pessoais. Entende-se como verbo-nominal a forma que apresenta propriedades nominais – como, por exemplo, poder exercer a função de sujeito ou de objeto da oração – e, ao mesmo tempo, verbais – poder selecionar argumentos que complementem seu significado e se flexionar em tempo e voz.

A respeito da flexão temporal, tal forma pode figurar no **Presente**, **Passado** ou **Futuro**, consistindo em **tempos relativos** ao momento enunciado pela oração matriz, como Besselaar (1960) observa em sua gramática: “O Inf. Pres. exprime SIMULTANEIDADE, o Inf. Pf. exprime ANTERIORIDADE, e o Inf. Fut. exprime POSTERIORIDADE em relação à

ação expressa pelo verbo regente.” (p. 14) Para fins de clareza, consideremos os exemplos a seguir:

- (a) *Dico pacem esse* (Digo que há paz);
- (b) *Dico pacem fuisse* (Digo que houve paz);
- (c) *Dico pacem futura esse* (Digo que haverá paz).

Em todas as três sentenças, temos o verbo *dico* da Oração Principal no Presente do Indicativo e um Infinitivo sublinhado que está flexionado no Presente (a), Passado (b) e Futuro (c). Na primeira, o fato de haver paz é simultâneo ao ato dizer, daí o uso do Infinitivo Presente (*esse*). Na segunda, não há mais paz no momento da enunciação, daí o uso do Infinitivo Passado (*fuisse*). Por fim, na terceira, a paz é algo que acontecerá posteriormente a enunciação, por isso o emprego do Infinitivo Futuro (*futura esse*).

Quanto às vozes verbais, os três autores comentam que o infinitivo pode ser *Ativo*, quando a ação é desencadeada por um sujeito agente e a forma verbal apresenta desinência ativa (por exemplo, *habere* que significa ter), ou *Passiva*, quando a ação é sofrida pelo sujeito e a forma verbal apresenta desinência passiva (por exemplo, *haberi*, que significa ser tido). Há ainda em Latim os chamados verbos *Depoentes*, que apresentam desinência passiva, mas o sentido ativo e que expressam uma ação praticada e, ao mesmo tempo, sofrida pelo sujeito (por exemplo, *mentiri*, que significa mentir) – um resquício da voz média do Indo-Europeu.

Por fim, há ainda uma categoria de verbos chamados *Semidepoentes* em que os tempos de ação não acabada (*Infectum*) apresentam forma e sentido ativos, mas os tempos de ação acabada (*Perfectum*) são depoentes (forma passiva com sentido ativo) – daí o prefixo *semi-* (metade) –, como, por exemplo, *fieri*, que significa acontecer. Dada a sua baixa ocorrência no *corpus* e objetivando uma descrição econômica-abrangente, consideraremos tal classe verbal como Depoente também.

O capítulo seguinte se dedica ao detalhamento dos principais pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (seção 3.1.) e da Gramática de Construções (seção 3.2.) que orientam o presente estudo. Ademais, apresentaremos também a Teoria dos Atos de Fala (seção 3.3.) que será relacionada com a proposta dos gêneros do discurso bakhtinianos (seção 3.4.) a fim de demonstrar a relação entre forças ilocucionárias das construções e gêneros literários.

3. Pressupostos teóricos

3.1. Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) diz respeito a uma corrente teórica que se desenvolveu desde 1970 nos Estados Unidos a partir de trabalhos de pesquisadores como Hopper, Givón, Thompson, Bybee, Traugott, e que, segundo a qual, a linguagem é vista como um fenômeno que emerge a partir das interações comunicativas. Dessa maneira, tal linha teórica renega uma rígida separação entre competência e desempenho linguístico e considera haver uma relação simbiótica entre **discurso** e **gramática**: o discurso modela a gramática que, por seu turno, fornece as estruturas para aquele primeiro. Assim, a gramática é tida como um organismo maleável que se formata a partir de instâncias de usos linguísticos dos falantes.

A LFCU, conforme Barlow & Kemmer (2000:ix-xxii), entende ainda que as línguas são processadas a partir de **capacidades cognitivas gerais** (analogia, categorização etc.), não existindo um módulo específico para a linguagem. Assim, segundo Bybee (2003), a linguagem reflete as experiências corpóreas do falante e não pode ser satisfatoriamente separada do seu conhecimento de mundo, da mesma forma que o significado semântico (independente do contexto) não pode ser segregado do pragmático (língua em uso). A linguagem é, pois, uma entidade criativa e a todo o momento instancia novos usos de uma determinada estrutura a partir de uma nova interpretação que ela ganha nas interações comunicativas dos falantes.

Nessa perspectiva teórica, a **frequência**, segundo Bybee (2006), desempenha um papel fundamental, visto que determina a passagem de uma estrutura do discurso para a gramática ou vice-versa. As **necessidades** e **pressões comunicativas** são os fatores determinativos desses deslocamentos das estruturas que, por sua vez, estão continuamente substituindo umas às outras por, dentre outras razões, terem perdido a sua expressividade e, portanto, terem se tornado “**opacas**” discursivamente.

No que tange ao tratamento dado à mudança linguística, do ponto de vista funcionalista, o falante é o agente das mudanças linguísticas por meio de mínimas alterações em sua gramática e na dos seus interlocutores, implicando no surgimento de variantes. Assim, a frequência de um uso particular é crucial para que haja mudança, uma vez que só é integrado à língua aquilo que é mais frequente, isto é, que se difundiu em uma dada comunidade linguística. Por isso, nessa perspectiva teórica, a gramática encerra em si padrões advindos de usos frequentes (**crystalizações**) e a mudança linguística não se dá através de

gerações, mas sim num mesmo falante a todo o instante. Daí tal abordagem teórica negar a existência de uma sincronia em prol de uma **pancronia**, visto que a gramática está emergindo a todo o momento pelas constantes mudanças linguísticas.

3.2. Gramática de Construções (GC)

A Gramática de Construções (GC) surge como um modelo teórico que, primeiramente, se lançou ao estudo e à explicação dos padrões linguísticos tidos como “irregulares” e que, portanto, ocupavam a zona periférica da gramática, segundo a abordagem Gerativista. Com o desdobramento dos estudos nessa área, ao longo do tempo, a GC passou a explicar e a analisar não só essas “construções idiomáticas” como também as estruturas consideradas “regulares”, que faziam parte do núcleo da gramática.

Segundo tal modelo, o conhecimento linguístico dos falantes pode ser compreendido como uma grande rede de construções, pareamentos de forma e função, que se apresentam relacionadas hierarquicamente entre si por meio de nós e que refletem capacidades cognitivas gerais dos seres humanos – tais como categorização, abstração e memória. Goldberg (1995) identifica quatro princípios que norteiam essa organização em rede:

- a) **princípio da motivação maximizada:** se uma construção A se relaciona sintaticamente a uma construção B, então a forma de A é motivada conforme o grau de relação semântica entre A e B;
- b) **princípio da não sinonímia:** duas construções sendo distintas sintaticamente, também serão distintas semântica ou pragmaticamente (foco, tópico, registro etc.);
- c) **princípio da economia maximizada:** o inventário de construções de uma dada língua é o mínimo possível dado o princípio da não sinonímia;
- d) **princípio da expressividade maximizada:** as pressões e necessidades comunicativas ampliam o inventário de construções de uma dada língua.

A respeito das construções linguísticas, Traugott (2008) destaca dois níveis de análise: as **macro construções** e os **construtos**. Aquelas primeiras dizem respeito a formas linguísticas abstratas internalizadas na mente dos falantes e que são mapeadas verticalmente a partir dos **construtos**. Estes, por sua vez, correspondem aos dados provenientes das produções linguísticas dos falantes, com as quais as crianças travam contato durante a aquisição da linguagem. No caso das construções em foco no presente estudo, têm-se como macro construções as estruturas [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] e [V_{IMP} PRES/PASS (SUJ) V_{INF}],

mapeados a partir de construtos como *necesse est (te) exire* (é necessário que tu saias) e *licet tibi manere* (é necessário que tu fiques), respectivamente.

Quanto aos níveis de preenchimento de uma construção, segundo Goldberg (2013), há um *continuum* entre léxico e sintaxe, compreendendo desde estruturas totalmente preenchidas até aquelas parcialmente preenchidas. A título de clareza, consideremos a tabela a seguir:

Tipos de construção	Exemplos
Palavra	casa, sapato
Expressão fixa	lua-de-mel, chutar o balde
Esquema morfológico	N-ista (linguista), re-V (reaparecer)
Esquema sintático semipreenchido	jogar X pela janela (jogar o casamento pela janela, jogar a vida acadêmica pela janela)
Esquema sintático aberto	Art Indef N ₁ de N ₂ (um bocado de gente, um monte de problema)
Padrão entoacional	Ascendente

Tabela 2: Tipos de construção adaptado de PINHEIRO (2016)

A **tabela 2** demonstra que o conceito de construção abarca todos os níveis de descrição linguística (lexical, morfológico e sintático) e que quantidade de massa fônica constitui um critério de classificação, dispondo-se as construções num *continuum* que compreende desde as formas mais fixas e menos esquemáticas (mais específicas) até aquelas mais abstratas e mais esquemáticas (menos específicas). Nessa perspectiva, as construções impessoais latinas correspondem a esquemas sintáticos abertos, abstratos e mais esquemáticos, dados o baixo nível de preenchimento e a menos especificidade dos itens que podem ser instanciados.

Isso tendo sido exposto, na próxima seção, será apresentada a teoria dos atos de fala, segundo a qual estamos a todo o momento usando a linguagem para convencer nosso(s) interlocutor(es) acerca da nossa perspectiva. Desse modo, não existe neutralidade e a linguagem é concebida como um jogo argumentativo.

3.3. Teoria dos Atos de Fala (TAF)

A Teoria dos Atos de Fala é resultante da insatisfação com a Semântica Formal, modelo segundo o qual há uma relação essencial entre mundo e linguagem, na qual esta última constitui um instrumento por meio do qual alcançamos um objeto no mundo pela formulação de juízos de valor a respeito das coisas. John L. Austin, por seu turno, em seu livro *How to do things with words* (1962), refuta essa visão objetivista de língua como forma de descrição, demonstrando que dizer é também uma forma de agir não só sobre o

interlocutor, mas também sobre o mundo. Segundo o autor, os atos comunicativos se subdividem basicamente em três camadas:

- (i) **ato locutório**, que correspondem ao uso das palavras de forma a se respeitar as regras gramaticais da língua e fazer sentido;
- (ii) **ato ilocutório**, que diz respeito ao uso adequado do tom, da altura e do modo e do tempo verbal que foram convencionalizados pela sociedade para aquele tipo de ato de fala;
- (iii) **ato perlocutório**, que corresponde ao efeito que causamos sobre nosso(s) interlocutor (es) e sobre o mundo após o proferimento. Nessa perspectiva, quando se obtém o efeito desejado, diz-se que o ato foi **feliz** e quando falham, não foi feliz.

Ainda segundo o autor, os enunciados podem ser:

- (a) **constativos**, quando se descreve o estado das coisas e podem ser submetidos a juízos de valor (verdadeiro ou falso), como em *Um ano apresenta 12 meses*;
- (b) **performativos**, quando não se descreve algo, mas sim performa-se uma ação através da enunciação, geralmente, na primeira pessoa do singular do Presente Ativo do Indicativo, como em *Eu os declaro marido e mulher*.

Posteriormente, John R. Searle retoma essa teoria em seu livro *Speech acts* (1969) e passa a considerar que todos os atos de fala são performáticos, isto é, o falante, mesmo numa descrição de um fato, está a tentar convencer o seu interlocutor do seu ponto de vista. O autor também estabelece cinco categorias gerais de **atos ilocutórios**:

Dizemos a outrem como são as coisas (assertivos), tentamos mandar outrem fazer coisas (diretivos), nos comprometemos a fazer coisas (promissivos), expressamos nossos sentimentos e atitudes (expressivos) e provocamos mudanças no mundo através de nossas enunciações (declarações). (p. 32).

A respeito dos atos ilocutórios diretivos, o autor comenta que as tentativas do locutor de mandar o seu interlocutor fazer algo pode ser polida (convite, sugestão e Recomendação), ou mais incisiva (ordens, ameaças e exigências). Dessa maneira, pode-se dizer que, nesse paradigma, a construção de Constatação corresponde a um ato locutório **assertivo**, ao passo que a Recomendação, um **ato ilocutório diretivo polido** e a Ameaça, um **ato ilocutório diretivo incisivo**. Esquemáticamente, propomos o seguinte *continuum*:



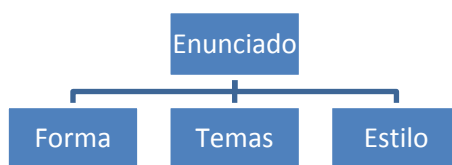
Esquema 1: *Continuum* dos atos ilocutórios

3.4. Gêneros do Discurso segundo Bakhtin

Segundo Bakhtin (1963), a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são resultantes da complexidade das atividades humanas, tendo como função a organização da nossa comunicação oral ou escrita no dia-a-dia. Tais gêneros são formados por **enunciados** – que correspondem a textos ditos ou escritos ou, até mesmo, pensados –, caracterizados por serem concretos e únicos. Esses enunciados precisam da língua/ linguagem para se materializarem no **discurso** do falante, que, por seu turno, toma como objeto de discussão algo que já fora enunciado antes por outros locutores e que, quando terminado de ser enunciado, será retomado por enunciadorees posteriormente. Assim, os enunciados carregam visões de mundo de quem o enuncia e de quem os enunciou outrora, atualizando-se a cada nova interação devido à perspectiva de cada interlocutor – daí seu caráter **concreto e único**. De forma simplificada, podemos dizer que as interações comunicativas correspondem a “jogos argumentativos” em que, a cada turno, um locutor toma a palavra para expressar seu ponto de vista e suscitar uma reação no(s) seu(s) interlocutor (es), que podem concordar, discordar, replicar etc. a respeito do que fora enunciado.

O autor propõe também que os gêneros do discurso se subdividam em **primários**, constituídos em situações comunicativas mais espontâneas, e **secundários**, frequentes em situações de comunicação mais complexa e evoluída, como na escrita literária. Alinhando-se à presente pesquisa, podemos dizer, então, que as cartas pessoais de Cícero endereçadas aos seus familiares pertencem aos gêneros primários, ao passo que o discurso jurídico ciceroniano de acusação, a poesia didática de Lucrécio, o comentário de guerra cesariano e a poesia lírica, iâmbica e elegíaca catuliana, dado todo o trabalho estético-literário com a linguagem, fazem parte dos gêneros secundários.

Dando prosseguimento, Bakhtin comenta que os gêneros do discurso são formados por três partes indissociáveis: **tema, estilo, forma composicional**. Para fins didáticos, podemos representa-los do seguinte modo:



Esquema 2: Composição de um gênero do discurso segundo Bakhtin (1963)

Detalhando-os melhor, podemos dizer que o **tema** corresponde a algo único e que nunca será dito da mesma forma, visto que veicula as ideologias do enunciadoree. O **estilo**, por seu turno, remete às escolhas linguísticas (palavras, construções sintáticas, morfemas etc.) que

o enunciador faz para transmitir um tema e gerar a reação desejada no seu interlocutor. Assim, essas escolhas são motivadas principalmente pelo gênero discursivo:

O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). [...] Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários - neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes -; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades. As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (p. 283).

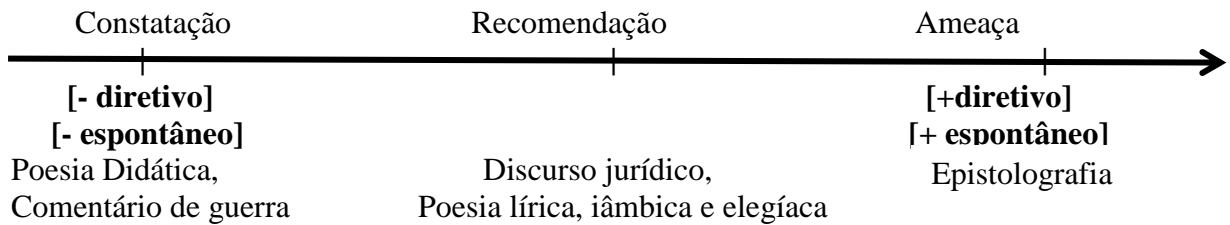
Aplicando essa afirmação aos gêneros selecionados para o presente estudo, destacamos a poesia didática de Lucrécio e a historiografia de Júlio César, que têm como finalidade descrever e explicar os fatos do mundo por meio de uma linguagem “mais objetiva”⁹ e que, portanto, não abririam espaço para refletir a individualidade de quem escreve, tendendo a corresponder a formas padronizadas. Isso se relaciona estreitamente com a última parte do gênero do discurso: a **forma composicional**. Esta diz respeito à organização interna do enunciado, que varia conforme o gênero discursivo e os tipos de interlocutores envolvidos na enunciação:

A diversidade desses gêneros deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros: há o estilo elevado, estritamente oficial, deferente, como há o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade (distinguindo-se esta da familiaridade). Trata-se de gêneros que implicam também um tom determinado, ou seja, comportam em sua estrutura uma dada entonação expressiva. Estes gêneros, em particular os gêneros elevados, oficiais, são muito estáveis e muito prescritivos (normativos). O querer-dizer deve limitar-se à escolha de um determinado gênero e apenas ligeiros matizes na entonação expressiva (pode-se adotar um tom mais deferente, mais frio ou então mais caloroso, introduzir uma entonação prazerosa, etc.) podem expressar a individualidade do locutor (o aspecto emocional de seu intuito discursivo). Mas aqui também, no nível dos gêneros, pode intervir o jogo das inflexões, característico da comunicação verbal: por exemplo, a forma do gênero do cumprimento pode ser transferida da esfera oficial para a esfera familiar da comunicação, que será então utilizada com uma inflexão irônico paródica; com finalidades análogas, podem-se confundir deliberadamente os gêneros pertencentes a esferas diferentes. (p. 302-303)

Nessa perspectiva, a poesia didática e a historiografia, dado o seu caráter normativo e mais padronizado, tenderiam a ter mais ocorrências de construções impessoais de Constatação. A epistolografia ciceroniana, por seu turno, refletiria não só maior individualidade do enunciador, como também apresentaria uma entonação mais expressiva, abrindo espaço para a ocorrência de construções impessoais de Recomendação e Ameaça. Por

⁹ Não se pode dizer em neutralidade total do enunciado porque, segundo Bakhtin (p. 308), aquele sempre veicula as visões de mundo do enunciador. O que há, na verdade, são discursos mais ou menos objetivos.

fim, o discurso de acusação de Cícero e a poesia lírica, iâmbica e elegíaca de Catulo poderiam recrutar construções impessoais com qualquer uma dessas três semânticas para fazer ecoar algum efeito sobre os seus interlocutores. Esquemáticamente, teríamos, então, as seguintes preferências de construções conforme os gêneros:



Esquema 3: *Continuum* da diretividade dos gêneros literários.

Exposto os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, no próximo capítulo, traçaremos um breve comentário sobre a metodologia adotada e a natureza do *corpus* usado. Será apresentado também um breve resumo das obras selecionadas e das características dos gêneros aos quais cada uma pertence.

4. Sobre o *corpus* e a metodologia

A LFCU, por compreender a língua como uma instância dos usos linguísticos, defende que os estudos relacionados à linguagem devem sempre se basear em **dados atestados empiricamente** e não em exemplos criados a partir da intuição do falante, que podem se mostrar falhos. Por isso, a presente pesquisa tomou como escopo o Latim Clássico, língua da qual nos foram transmitidos somente textos literários escritos. Assim, fez-se uma coleta e uma análise quantitativa e qualitativa de dados obtidos em textos dos gêneros de **prosa** (historiografia, oratória e epistolografia) e dos gêneros **poéticos** (poesia lírica, iâmbica, elegíaca e didática) dos principais autores do **Período Republicano** (509 – 43 a.C.), a saber, Cícero, César, Catulo, Lucrécio, com foco nas obras *In Verrem*, *Epistulae ad Familiares*, *De Bello Gallico*, *De Rerum Natura* e *Carmina*,.

Comentemos resumidamente em que consiste cada uma dessas obras. *In Verrem* (Contra Verres ou Verrinas, em português) é composto de dois discursos jurídicos de Cícero em que ele acusa Caio Verres, antigo pretor¹⁰ da Sicília, por desvio de dinheiro da província e por ter ordenado a matança de cidadãos romanos sem o devido julgamento, ato proibido por lei. Já as *Epistulae ad Familiares* (Cartas aos Familiares, em português) corresponde a uma coleção de cartas escritas por Cícero destinadas a seus parentes e agregados, nas quais se trata dos mais diversos assuntos: desde a saúde de sua esposa até os prenúncios da ruína da República. Prosseguindo, em *De Bello Gallico* (Sobre a Guerra da Gália, em português), o general-comandante César se lança à descrição mais fidedigna possível das contendas ocorridas na Gália durante os nove anos de tentativa de conquista romana. Para demonstrar um posicionamento objetivo e neutro em relação aos fatos narrados, César os narra em terceira pessoa, incluindo os momentos dos quais ele mesmo participou. Já *De Rerum Natura* (Sobre a Natureza das Coisas, em português), Lucrécio procura explicar porque as coisas do mundo são tal como as conhecemos a partir do ponto de vista **epicurista**, doutrina filosófica que visava alcançar a felicidade por meio dos de quatro remédios (*tetrafarmacon*): não temer a morte, tolerância à dor, não temer aos deuses e seguir os três preceitos anteriores. Assim, por meio de versos, o autor explica desde a criação do mundo até o ciclo da água, valendo da ideia de que as matérias são constituídas por pequenos corpos, conhecidos modernamente como átomos. Finalmente, os *Carmina* (Poemas, em português) consiste em 116 poemas escritos por Catulo que apresentam temas e assuntos variados e que a crítica literária costuma dividir em três partes. A primeira parte, que compreende do poema 1 ao 60, diz respeito a

¹⁰ Diz respeito a uma magistratura dúplice da Roma Antiga encarregado de diversas funções, como liderar exército, realizar julgamentos, cuidar da infraestrutura da cidade etc.

composições curtas em que o leitor vislumbra que momentos alegres do nascimento do amor do eu-lírico por sua mulher amada, Lésbia, alternam-se com a tristeza, amargura e ira perante as traições dela. Além de Lésbia, Catulo traz à baila outras mulheres e pessoas, fazendo, por vezes, duras críticas à sociedade da época; tudo isso por meio de uma linguagem viva e espontânea. A segunda parte, que compreende do poema 61 a 64, corresponde a composições mais longas (como hinos eróticos, lendas mitológicas, elegias etc.) que se inserem no quadro de produção poética **neotérica**, marcada por experimentalismos composicionais (mistura de gêneros, expansão do uso dos metros poéticos, ornamentação da linguagem etc.). Por fim, a terceira, que compreende do poema 65 a 116, retoma os assuntos da primeira parte, e se apresenta elegíaca tanto na forma, quanto no conteúdo. Assim, esse tipo de poesia pode ser classificada como lírica, por expor os sentimentos do eu poético, iâmbica/ jâmbica, por dirigir injúrias de modo bem humorado a um estrato social ou a um indivíduo em particular e elegíaca, por trazer os elementos típicos do gênero elegíaco romano, como a amor não correspondido e o lamento fúnebre.

A partir da coleta de dados nessas obras supracitadas, obtivemos **126 construtos**, dos quais os que apresentavam valor de Constatação foram os mais produtivos, em especial, na poesia didático-filosófica de Lucrécio. Podemos resumir as ocorrências na seguinte tabela:

Construções [ADJ _{NECESS} est (SUJ) V _{INF}] e [V _{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V _{INF}]				
Gênero/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Cartas pessoais de Cícero	20	11	1	32
Discurso Jurídico de Cícero	30	2	3	35
Historiografia de César	4	0	0	4
Poesia amorosa de Catulo	8	2	0	10
Poesia didático-filosófica de Lucrécio	40	2	0	42
TOTAL	102	17	4	123

Tabela 3: Ocorrências das construções [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] e [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}], conforme os gêneros literários.

Na próxima seção, comentaremos as propriedades sintático-semânticas dos elementos constituintes de cada construção (adjetivo instanciado, preenchimento do *slot* do sujeito, forma casual do sujeito expreso, tempo, voz e classe verbal do infinitivo, tempo do verbo impessoal) e de que modo o gênero literário influencia nas forças ilocucionária delas.

5. Análise dos dados

5.1. Sobre a construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}]

5.1.1. Adjetivo instanciado

Consideramos para o presente estudo somente as formas indeclináveis *opus* e *necesse* que significam “preciso” / “necessário”, respectivamente. É interessante notar que tais formas são instanciadas quase que exclusivamente por essa construção com o verbo cópula *esse* (ser, estar, existir) – com exceção de *necesse* que aparece também junto com *habere* (ter, considerar), construção que significa “tenho por obrigação” e que não é o foco deste trabalho.

Desses dois adjetivos, o mais frequente foi *necesse* que apresentou 80,7% ocorrências, diferentemente de *opus*, que teve apenas 19,3%. Além disso, cabe salientar que, enquanto aquele primeiro foi instanciado pelas estruturas de Constatação (8), Recomendação (9) e Ameaça (10), a forma *opus* se fez presente apenas naquelas duas primeiras construções (11 e 12, respectivamente).

(8) “nunc, quoniam pugnare contra me instituisti, non tam ex tua natura quam ex istius tempore et causa [malitiose], necesse est istius modi rationi aliquo consilio **obsistere**.” (CÍCERO, *Ver.*, 1.1.33)

Glosa: agora, depois, lutar contra me decidiste, não tanto por tua índole quanto por dele circunstância e situação [deslealmente], necessário é de esse tipo a comportamento com alguma providência opor.

Tradução: Agora, depois que decidiste lutar contra mim, não tanto por tua índole quanto pela circunstância dele e a situação [deslealmente], é necessário que (eu) me **oponha** ao comportamento desse tipo com alguma providência.

(9) “et tu ne pugna cum tali coniuge, virgo. non aequum est pugnare, pater cui tradidit ipse, ipse pater cum matre, **quibus parere necesse est**.” (CATULO, *Car.*, 62)

Glosa: e tu não luta com tal cônjuge, virgem. Não certo é lutar, pai de qual entregou próprio, próprio pai com mãe, a quais obedecer necessário é.

Tradução: E tu, virgem, não luta com tal cônjuge. Não é certo lutar com quem o próprio pai entregou, o próprio pai com a mãe, **aos quais é necessário obedecer**.

(10) “, ex his te laqueis exueris ac te aliqua via ac ratione explicaris, in illas tibi maiores plagas incidendum est in quibus **te** ab eodem me superiore ex loco **confici** et **concredi** necesse est.” (CÍCERO, *Ver.*, 2.5.151)

Glosa: Se, por Hércules, isso que acontecer não pode sei, deste te grilhões libertasses e te por algum estratagema e plano, em aquelas a ti maiores armadilhas recair deve em quais te por mesmo mim superior de lugar ser subjulgado e ser aniquilado necessário é.

Tradução: Se, por Hércules, (sei que isso não pode acontecer) tu te libertasses destes grilhões e te pusesse em fuga por meio de algum estratagema e plano, deveria recair sobre ti aquelas armadilhas maiores, nas quais é necessário que **tu sejas subjulgado e aniquilado** por mim mesmo (estando) num local superior.

(11) “... **nobis** autem in hac causa nihil aliud opus est nisi te ius instituto tuo **dicere**.” (CÍCERO, *Fam.*, 13.55)

Glosa: a nós mas em esta causa não algo preciso é a não ser te lei vontade tua estabelecer.

Tradução: Mas, nesta situação, não é preciso que **nós estabeleçamos** nenhuma lei; a não ser que tu a (estabeleças) por tua vontade.

(12) “nihil iam opus est **exspectare te** quibus eum verbis tibi commendem, quo sic utar ut scripsi” (CÍCERO, *Fam.*, 13.33)

Glosa: não já preciso é esperar te por quais ele com palavras a ti recomende, qual tal sirva quando escrevi.

Tradução: Já não é preciso que **tu esperes** nada, recomendo isso a ti com as palavras pelas quais me sirvo tal quando escrevi.

Podemos resumir as ocorrências desses adjetivos na seguinte tabela:

Adjetivo/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
opus	2 (9,5%)	4 (50%)	–	6 (19,3%)
necesse	19 (90,5%)	4 (50%)	2 (100%)	25 (80,7%)
TOTAL	21	8	2	31

Tabela 4: Distribuição das ocorrências da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] pelas semânticas

5.1.2. Preenchimento do slot do Sujeito

Como foi dito na subseção 2.3., o sujeito verbal em Latim Clássico pode ser expresso ou não, assim como na Língua Portuguesa. Nos dados coletados, verificou-se um relativo

equilíbrio entre o apagamento (48,4%) e a ocorrência plena do sujeito (51,6%) tanto na Constatação (13) e (14) quanto na Recomendação (15) e (12 aqui repetido como 16) – invalidando a nossa hipótese de que a Recomendação, por ser um ato diretivo, preferiria o preenchimento do *slot* do sujeito. Em contramão, a Ameaça (17) apresentou somente ocorrências de sujeito realizado, corroborando a nossa hipótese inicial.

(13) “... tardet ingenuus pudor: quem tamen magis audiens flet quod Ø ire necesse est.” (CATULO, *Car.*, 61)

Glosa: tardará nato pudor: o contudo mais ouvindo chora porque ir necessário é.

Tradução: Tardará o nato pudor: contudo, ouvindo-o mais, chora porque **é necessário ir**.

(14) “... quare, etsi multarum rerum desiderio te angi necesse est...” (CÍCERO, *Fam.*, 6.1)

Glosa: porque, entretanto, de muitas coisas saudade tu ser atormentado necessário é.

Tradução: Porque, **é necessário**, entretanto, que tu **sejas atormentado** pela saudade de muitas coisas.

(15) “si perficitis quod agitis, me ad vos venire oportet ; sin autem sed nihil **opus est** reliqua Ø scribere.” (CÍCERO, *Fam.*, 14.3)

Glosa: se executais o que concebes, me até vós vir é oportuno; do contrário mas porém não necessário é restantes escrever.

Tradução: Se executares o que concebes, é oportuno que eu venha até vós, mas, em caso contrário, não **é preciso** que Ø **escrevas** o resto.

(16) “nihil iam opus est expectare te quibus eum verbis tibi commendem, quo sic utar ut scripsi” (CÍCERO, *Fam.*, 13.33)

Glosa: não já preciso é esperar tu por quais ele com palavras a ti recomende, qual tal sirva quando escrevi.

Tradução: Já não **é preciso** que tu **esperes** nada, recomendo isso a ti com as palavras pelas quais me sirvo tal quando escrevi.

(17) “Si, quas tabulas profers, in his quae habes quo modo habeas scriptum non est, horum autem temporum cum te plurimas res emisse dicis tabulas omnino nullas profers, nonne te et prolatis et non prolatis tabulis **condemnari necesse est?**” (Cícero, *Ver.*, 2.4.36)

Glosa: se, esses livros de contas mostras, em estes que tens em qual tenhas escrito não está, destes mas anos quando te muitíssimas coisas ter adquirido dizes livros de contas nenhuns

dizes, não é verdade te não só por contas feitas mas também não por contas feitas ser condenado necessário é?

Tradução: Se, mostrando os livros de contas, não está escrito neles de que modo tens o que tens, mas destes anos quando tu dizes que havia comprado muitíssimas coisas, (não) adquiriste nenhum livro de contas, não é verdade que **é necessário** que **tu sejas condenado** não só pelas contas feitas, mas pelas não feitas?

Sintetizando as ocorrências do apagamento e da realização do sujeito conforme as forças ilocucionárias, obtemos a seguinte tabela:

Realização do sujeito/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Apagado	11 (52,4%)	4 (50%)	–	15 (48,4%)
Pleno	10 (47,6%)	4 (50%)	2 (100%)	16 (51,6%)
TOTAL	21	8	2	31

Tabela 5: Distribuição da realização do sujeito da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas

5.1.3. Forma Casual do Sujeito expresso

Constatou-se que, quando expresso, o sujeito da ação verbal figurava predominantemente no acusativo (75%) veiculando as três forças ilocucionárias – a saber, Constatação (18), Recomendação (19) e Ameaça (exemplo 10 aqui repetido como 20):

(18) “verum si **causam** cognosci opus est, parumne cognita est? Dissimulamus, Hortensi, quod saepe experti in dicendo sumus.” (CÍCERO, *Ver.*, 2.1.27)

Glosa: mas se causa se conheça necessário é, pouco investigada é? negligenciamos, Hortêncio, algo frequentemente aprovados em alegar estamos.

Tradução: Mas, se **é necessário** que a se conheça **a causa**, muito pouco foi investigada? Estamos, Hortêncio, negligenciando algo que frequentemente provamos nas alegações.

(19) “nunc opus est **te** animo **valere**, ut corpore possis.” (CÍCERO, *Fam.*, 16,14)

Glosa: agora preciso é tu de mente ficar bem, para que de corpo possas.

Tradução: Agora é preciso que tu fiques bem da mente para que possas (ficar bem) do corpo.

(20) “Si mehercule, id quod fieri non posse intellego, ex his te laqueis exueris ac te aliqua via ac ratione explicaris, in illas tibi maiores plagas incidendum est in quibus **te** ab eodem me superiore ex loco **confici** et **concidi necesse est**.” (CÍCERO, *Ver.*, 2.5.151)

Glosa: Se, por Hércules, isso que acontecer não pode sei, deste te grilhões libertasses e te por alguma estratagema e plano, em aquelas a ti maiores armadilhas recair deve em quais te por mesmo mim superior de lugar ser subjugado e ser aniquilado necessário é.

Tradução: Se, por Hércules, (sei que isso não pode acontecer) tu te libertasses destes grilhões e te pusesse em fuga por meio de algum estratagema e plano, deveria recair sobre ti aquelas armadilhas maiores, nas quais **é necessário** que **tu** **sejas subjugado e aniquilado** por mim mesmo (estando) num local superior.

Porém, indo em direção contrária à tradição gramatical, observamos também que, na ausência desse sujeito em acusativo, havia o uso do chamado Dativo de Interesse pelas gramáticas latinas (25% de ocorrência) para expressar o participante do evento verbal. Mas cabe destacar que aquele não foi instanciado pela Ameaça e que a Constatação (11 aqui repetido como 21) apresentou baixa ocorrência (20%); ao passo que a Recomendação (22) apresentou uso equilibrado com o acusativo (50%).

(21) “... **nobis** autem in hac causa nihil aliud **opus est** nisi te ius instituto tuo **dicere**.” (CÍCERO, *Fam.*, 13.55)

Glosa: a nós mas em esta causa não algo preciso é a não ser te lei vontade tua estabelecer.

Tradução: Mas, nesta situação, não **é preciso** que **nós** **estabeleçamos** nenhuma lei; a não ser que tu a (estabeleças) por tua vontade.

(22) “sed vehementer **opus est nobis** et voluntatem et auctoritatem et imperium tuum **accedere**; quod ut facias te etiam atque etiam rogo.” (CÍCERO, *Fam.*, 13.42)

Glosa: mas veemente preciso é a nós e vontade e autoridade e governo teu opor; porque que faças te de novo peço.

Tradução: Mas **é preciso** veemente que **nós** nos **oponhamos** não só à vontade (dele), mas também a autoridade (dele) e ao teu governo; porque te peço que faças isso de novo.

Sintetizando as ocorrências de Acusativo e Dativo, obtivemos a seguinte tabela:

Forma do Sujeito/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Acusativo	8 (80%)	2 (50%)	2 (100%)	12 (75%)
Dativo	2 (20%)	2 (50%)	–	4 (25%)
TOTAL	10	4	2	16

Tabela 6: Distribuição da forma do sujeito da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas

5.1.4. Tempo e Voz do Verbo no Infinitivo

No que diz respeito ao preenchimento do *slot* do Infinitivo, observou-se que a Constatação (23) e a Recomendação (24) apresentam predileção pelo Infinitivo Presente Ativo (64,5%), ao contrário da Ameaça (20 e 17) que instanciou somente Infinitivo Presente Passivo (100%).

(23) “nam seorsum cuique potestas divisast, sua vis cuiquest, ideoque **necesse est** et quod molle sit et gelidum fervensve **videre**...” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 4.489–496)

Glosa: com efeito sentido para cada um faculdade distribuída é, sua capacidade para cada uma há, por isto e necessário é não só que macio seja mas também gelado quente ou perceber.

Tradução: Com efeito, para cada um {sentido} foi distribuída separadamente uma faculdade, para cada um há uma capacidade, e por este motivo é **necessário** que **percebamos** o que é macio e gelado ou quente.

(24) “exponerem etiam quem ad modum hic et quanta in turba quantaque in confusione rerum omnium viveremus; **necesse est** enim minore desiderio perdita re p. **carere** quam bona. sed hoc genere nihil opus est.” (CÍCERO, *Fam.*, 6.6)

Glosa: expusesse ainda que para modo aqui não só tamanha em confusão tamanha mas também em confusão de coisas todas vivêssemos; necessário é pois menos saudade arruinada de República sentir do que boa. mas este tipo nada necessário é.

Tradução: Exporia ainda de que modo vivíamos aqui não só em tamanha agitação, mas também em tamanha confusão de todas as coisas; pois é **necessário**, sentir menos saudade de uma República arruinada do que de uma em bom estado. Mas nada deste tipo é necessário.

Em número menor, verificou-se que a Constatação recruta também, o Infinitivo Presente Passivo (28,6%) (25), o Infinitivo Presente Depoente (4,8%) (26) e o Infinitivo

Passado Ativo (4,8%) (27), diferindo-se da Recomendação que desses selecionou apenas o Infinitivo Presente Depoente (12,5%) (28). Assim, confirmamos a nossa hipótese inicial de que Recomendação e a Ameaça não instanciariam Infinitivo Passado, em virtude da natureza desses atos de fala – apesar de ter havido uma única ocorrência daquele no *corpus* na construção de Constatação.

(25) “Quicquid ab horum quopiam captum est, id non modo tibi datum, sed tua manu numeratum **iudicari necesse est.**” (CÍCERO, *Ver.*, 2.2.27)

Glosa: o que quer que por deles em qualquer lugar tomado é, isso não só a ti dado, mas por tua mão pago ser considerado é.

Tradução: O que quer que fosse tomado em qualquer lugar por algum deles (capangas de Verres), **é necessário se considerar** que não só foi dado a ti, como também o dinheiro pago por tua mão.

(26) “De summa republica saepe tibi scripsi, me ad annum pacem non videre et, quo propius ea contentio quam **fieri necesse est** accedit, eo clarius id periculum apparet.” (CÍCERO, *Fam.*, 8.14)

Glosa: Sobre suprema República frequentemente a ti escrevi, me para ano paz não ver e, quanto mais próximo de essa contenda que acontecer necessário é chega, mais mais evidente esse perigo.

Tradução: Sobre a suprema República, a ti escrevi frequentemente que eu não prevejo paz durante (este) ano e, quanto mais próximo chega essa contenda, que **é necessário acontecer**, mais evidente esse perigo aparece.

(27) “itaque **necesse est** aut **damnum** aut certe non magnum lucrum **fecisse** decumanos...” (CÍCERO, *Ver.*, 2.3.110)

Glosa: com efeito necessário é ou prejuízo ou certamente não grande lucro ter obtido fazendeiros de dízimos.

Tradução: Com efeito, **é necessário** que os fazendeiros de dízimos **tivessem obtido** ou um prejuízo, ou certamente não um grande lucro.

(28) “... singula enim nomina aratorum et cum singulis pactiones decumanorum litteris **persequi** et conficere **necesse est....**” (CÍCERO, *Ver.*, 2.3.112)

Glosa: cada pois nome de agricultores e com cada impostos públicos de fazendeiros de dízimos livros de contas obter e listar necessário é.

Tradução: Pois é **necessário** obter e **listar** cada nome dos agricultores e, com cada um dos livros de contas dos fazendeiros de dízimos, a adjunção dos impostos públicos.

Por fim, é curioso notar que nenhuma das três estruturas selecionou Infinitivo Futuro, formas esperadas para a Recomendação e a Ameaça, uma vez que tais atos de fala remetem a algo que ainda deve ser feito pelo interlocutor. Isso exposto, propomos a seguinte tabela que resume os tempos e vozes do Infinitivo instanciado por cada construção:

Tempo e Voz do Infinitivo/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Presente Ativo	13 (61,9%)	7 (87,5%)	–	20 (64,5%)
Presente Passivo	6 (28,5%)	–	2 (100%)	8 (25,8%)
Presente Depoente/ Semidepoente	1 (4,8%)	1 (12,5%)	–	2 (6,5%)
Passado Ativo	1 (4,8%)	–	–	1 (3,2%)
TOTAL	21	8	2	31

Tabela 7: Distribuição do Tempo e Voz do Infinitivo da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas

5.1.5. Classe verbal do Infinitivo

Quanto à classe semântica do Infinitivo, consideramos a classificação de Chafe (1979) que propõe as seguintes: (a) **estado**, em que se descreve uma propriedade do argumento (por exemplo, estar, ficar, esperar); (b) **processo**, em que o argumento com o papel temático de experienciador é afetado por um estado ou processo psicológico (por exemplo, perceber, ver, observar); (c) **ação**, em que o argumento com o papel temático de agente realiza a ação verbal sem mudar o estado do complemento (trabalhar, estudar, ler); (d) **ação-processo**, em que ação desencadeada pelo argumento com papel temático de agente muda o estado de outro argumento com o papel temático de paciente/ experienciador (quebrar, estragar, matar). Em termos de frequência, a seleção de verbo de ação foi mais produtiva na Constatação (38,1%) (29) e na Recomendação (50%) (30), ao contrário da Ameaça (20 e 17), que instanciou somente verbo de ação-processo:

(29) “Quod super est, umore novo mare flumina fontes semper **abundare** et latices **manare** perennis nil **opus est** verbis...” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 5.261-265)

Glosa: isso além há, com água nova mar rios fontes sempre transbordar e águas emanar perenes não preciso é com palavras.

Tradução: Além disso, não é **preciso** (dizer) com palavras que o mar, rios e fontes sempre **transbordam** com água nova e as águas **emanam** perenes.

(30) “Legi tuas litteras, quibus ad me scribis gratum tibi esse, quod crebro certior per me fias de omnibus rebus, et meam erga te benevolentiam facile perspicias; quorum alterum mihi, ut te plurimum diligam, **facere necesse est**, si volo is esse, quem tu me esse voluisti ...” (CÍCERO, *Fam.*, 1.7)

Glosa: Li tuas cartas, quais para mim escreves grato a ti ser, porque regularmente informado por mim seja mantido sobre todas coisas, e minha em relação a ti benevolência facilmente percebas; de quais o último para mim, que a ti muitíssimo estime, demonstrar necessário é, se quero esse ser, que tu me ser quiseste.

Tradução: Li tuas cartas, nas quais escreves para mim que está agradecido, porque eu te mantenho regularmente informado sobre todas as coisas, e percebes facilmente a minha benevolência em relação a ti; quanto ao último, é **necessário demonstrar** que te estimo muitíssimo, se quero ser esse que tu quiseste que eu fosse.

A Constatação também instanciou verbos de Processo (23,8%) (18), de Estado (19%) (1) e de Ação-Processo (19%) (31). Do mesmo modo, a Recomendação também instanciou verbos de Estado (25%) (16) e de Ação-Processo (25%) (28), não havendo ocorrências de verbo de Processo.

(31) “... **necesse est** enim aut armis **urgeri** rem p. sempiternis aut his positis **recreari** aliquando, aut funditus **interire**.” (CÍCERO, *Fam.*, 6.2)

Glosa: necessário é com efeito ou por armas ser acossada República eternamente ou estas postas de ado ser revigorada algum dia, ou completamente extinguida.

Tradução: Com efeito, é **necessário** ou a **República ser acossada** eternamente pelas armas, ou, com estas postas de lado, **ser revigorada** algum dia, ou **ser extinguida** completamente.

A título de clareza, podemos verificar na tabela a seguir:

Tipo verbal/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Ação	8 (38,1%)	4 (50%)	–	12 (38,7%)
Processo	5 (23,9%)	–	–	5 (16,1%)
Estado	4 (19%)	2 (25%)	–	6 (19,4%)
Ação-Processo	4 (19%)	2 (25%)	2 (100%)	8 (25,8%)
TOTAL	21	8	2	31

Tabela 8: Distribuição das classes verbais do Infinitivo da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas.

5.1.6. O gênero literário e a Semântica da Construção

Correlacionado as semânticas das construções com o gênero literário, confirmamos – apesar dos poucos dados obtidos – a nossa hipótese inicial de que a poesia didático-filosófica de Lucrécio (100%) bem como a historiografia de César (100%) recrutariam mais construtos com valor de Constatação. Quanto às cartas pessoais de Cícero, corroboramos em parte a nossa hipótese: tal gênero recrutou mais construções de Constatação (53,8%) do que de Recomendação (46,2%). Finalmente, corroboramos também a nossa hipótese de que as Verrinas de Cícero e a poesia amorosa de Catulo recrutariam sem distinção aquelas três construções. De fato, o discurso acusatório instanciou as estruturas de Constatação (70%), Recomendação (10%) e Ameaça (20%), ao passo que a poesia lírica, elegíaca, jâmbica de Catulo, somente a Constatação (50%) e Recomendação (50%). Sintetizando, apresentamos a seguinte tabela:

Gênero/ Locução impessoal	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Cartas pessoais de Cícero	7 (53,8%)	6 (46,2%)	–	13
Discurso Jurídico de Cícero	7 (70%)	1 (10%)	2 (20%)	10
Historiografia de César	1 (100%)	–	–	1
Poesia amorosa de Catulo	1 (50%)	1 (50%)	–	2
Poesia didático-filosófica de Lucrécio	5 (100%)	–	–	5
TOTAL	21	8	2	31

Tabela 9: Distribuição das semânticas da construção [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] conforme os gêneros literários.

5.2. Sobre a construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}]

5.2.1. Tempo do verbo impessoal

Na coleta e análise dos dados, observamos que a construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}] instanciou mais verbos impessoais no Presente do Indicativo (84,8%) (32) do que no Pretérito Perfeito do Indicativo (15,2%) (33). Além disso, verificamos que a construção que veicula as forças ilocucionárias de Recomendação e Ameaça não apresentaram a forma verbal no Pretérito Perfeito do Indicativo. Ainda sobre essas duas construções, verificou-se que as formas verbais *oportet* e *licet* foram as únicas que figuraram nas três estruturas e que as formas *decu*it e *libu*it não foram instanciadas por nenhuma das três construções. Podemos sumarizar essas e outras informações na seguinte tabela:

Tempo	Verbo/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Presente do Indicativo	licet	51	3	1	78 (84,8%)
	placet	4	—	—	
	oportet	8	4	1	
	decet	2	2	—	
	libet	2	—	—	
Pretérito Perfeito do Indicativo	licuit	4	—	—	14 (15,2%)
	placuit	4	—	—	
	oportuit	6	—	—	
	decu	—	—	—	
	libu	—	—	—	
TOTAL		81	9	2	92

Tabela 10: Distribuição dos tempos verbais da construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas.

(32) “Sed privati ac separati agri apud eos nihil est, neque longius anno **remanere** uno in loco colendi causa **licet**.” (CÉSAR, *Gal.*, 4.1)

Glosa: Mas privadas e separadas terras entre eles não há, nem mais de ano permanecer em mesmo lugar de colher por causa é lícito.

Tradução: Mas entre eles não há terras privadas ou demarcadas, nem **é lícito permanecer** mais de um ano num mesmo local por causa de morar.

(33) “Cn. Calidio, equiti Romano, per omnis alios praetores **licuit habere** argentum bene factum...” (CÍCERO, *Ver.*, 2.4.44)

Glosa: A Cn. Calidio, cavaleiro romano, por todos outros pretores, foi lícito ter de prata bem feita.

Tradução: A Cn. Calidio, cavaleiro romano, por todos os outros pretores, **foi lícito ter** uma baixela de prata bem feita...

5.2.2. Preenchimento do slot do Sujeito

Observou-se que, na construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}], houve mais incidência do apagamento do sujeito (54,3%) do que a sua realização (45,7%). Com relação às forças ilocucionárias veiculadas, tanto a Constatação (53,1%) (34), como a Recomendação (55,6%) (35) e a Ameaça (100%) (36) apresentaram predileção pelo apagamento. Assim, não confirmamos a nossa hipótese de que as estruturas de Recomendação e Ameaça apresentariam predileção pela forma expressa do sujeito. A **tabela 11** ilustra a distribuição dessas ocorrências.

(34) “... sed mulier cupido quod dicit amanti in vento et rapida **Ø scribere oportet** aqua.” (CATULO, *Car.*, 70)

Glosa: mas mulher ao ávido o que diz amante em vento e rápida escrever é oportuno água.

Tradução: Mas **é oportuno Ø escrever** no vento e na água rápida o que a mulher diz ao ávido amante.

(35) “**Ø dicere** fortasse quae sentias non **licet**, **Ø tacere** plane **licet**. omnia enim delata ad unum sunt...” (CÍCERO, *Fam.*, 4.9)

Glosa: dizer talvez o que sentas non é lícito, calar claramente é lícito. todas as coisas pois relatadas para único são.

Tradução: Não **é lícito** talvez **Ø dizer** o que sentes, claramente **é lícito** se **Ø calar**, pois todas as coisas foram relatadas para um único (homem).

(36) “... nunc vero in hibernis intectus mihi videris, itaque te commovere non curas. Usquequaque **Ø sapere oportet**; id erit telum acerrimum.” (CÍCERO, *Fam.*, 7.16)

Glosa: agora de fato em hibernos nu me pareces, e assim te comover não preocupas. Em qualquer ocasião saber é oportuno; isso será arma poderosíssima.

Tradução: De fato, agora me pareces nu nos quartéis hibernos, e assim não te preocupas em te comoveres. Em qualquer ocasião, **é oportuno Ø saber**; isso {o saber} será uma arma poderosíssima.

Realização do Sujeito/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Apagamento	43 (53,1%)	5 (55,6%)	2 (100%)	50 (54,3%)
Realização	38 (46,9%)	4 (44,4%)	–	42 (45,7%)
TOTAL	81	9	2	92

Tabela 11: Distribuição da realização do sujeito da construção [V_{IMP} PRES/ PASS (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas.

5.2.3. Forma Casual do Sujeito expresso

Quando realizado, o sujeito em Latim dessa construção ocorreu predominantemente no Acusativo (73,8%) veiculando as forças ilocucionárias de Constatação (37) e Recomendação (38), diferentemente do Dativo de Interesse que, além de ter tido baixa incidência (26,2%), foi recrutado **somente** pela Constatação (39). A Ameaça (3 e 36), por sua vez, figurou apenas com o sujeito não expresso.

(37) “sed tamen, qui semel verecundiae finis transierit, **eum** bene et naviter **oportet esse** impudentem....” (CÍCERO, *Fam.*, 5.12)

Glosa: mas contudo, aquele que uma vez do pudor limites terei transposto, ele bem e deliberadamente é oportuno ser impudente.

Tradução: Mas, contudo, aquele que tiver transposto uma vez os limites do pudor, **é oportuno** que **ele seja** bem e deliberadamente impudente.

(38) “Complures in perturbatione rei publicae consulares dicti, quorum nemo consularis habitus est nisi qui animo exstitit in rem p. consularis. talem igitur **te esse oportet**, qui primum te ab impiorum civium tui dissimillimorum societate seiungas ...” (CÍCERO, *Fam.*, 10.6)

Glosa: vários em confusão de República ex-cônsules chamados, de quais nenhum ex-cônsul considerado foi a não ser que em espírito manifestou para República. tal portanto tu ser é oportuno, que primeiro te de ímpios cidadão de ti diferentíssimos de sociedade separe.

Tradução: Na confusão da República, vários chamados (como) ex-consules, dos quais nenhum foi considerado (como) ex-consul, a não ser o ex-cônsul que manifestou no espírito

para a República. Portanto, **é oportuno** que **tu sejas** tal que primeiro te separe da sociedade dos ímpios cidadãos diferentíssimos de ti.

(39) “... quae mea sententia **gerere mihi licuit**, ita feci ut optimus quisque maxime probarit...”
(CÍCERO, *Fam.*, 10.31)

Glosa: esse meu julgamento formar a mim foi lícito, assim fiz que ótimo algum maximamente tenha aprovado.

Tradução: Foi lícito que **eu** formasse esse meu julgamento, assim fiz com que algum ótimo (homem) tivesse aprovado maximamente.

Forma do sujeito/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Acusativo	27 (71,1%)	4 (100%)	–	31 (73,8%)
Dativo de interesse	11 (28,9%)	–	–	11 (26,2%)
TOTAL	38	4	–	42

Tabela 12: Distribuição da realização do sujeito da construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas

5.2.4. Tempo e Voz do Verbo no Infinitivo

Tanto a Constatação (80,2%) (40), quanto a Recomendação (88,9%) (41) e a Ameaça (100%) (3 e 36) apresentaram ampla preferência pelo Infinitivo Presente Ativo. Porém, em menor quantidade, a Constatação foi a **única** das três que recrutou o Infinitivo Presente Passivo (14,8%) (42) e Presente Depoente (4,9%) (43).

A Recomendação e a Ameaça **não instanciaram** Infinitivo Futuro Ativo, Passivo ou Depoente fato interessante, porque, como foi dito antes (*cf.* 5.1.4), por expressar algo que acontece posteriormente à ação da oração matriz, seria esperado, que aquele tipo de infinitivo fosse selecionado, dada a natureza de tais atos de fala.

Ainda devemos salientar o fato de ter havido apenas uma ocorrência de Infinitivo Passado Ativo na Recomendação (44). A forma *memisse* constitui uma idiossincrasia da Língua Latina que apresenta alguns verbos – geralmente da esfera cognitiva/ psicológica, como *odi* (odeio) e *novi* (sei, conheço) – cuja forma é de *perfectum* (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou futuro perfeito), mas o traduz-se como *infectum* (presente, imperfeito e futuro imperfeito, respectivamente). São, portanto, formas defectivas que não

apresentam a voz passiva¹¹. Dessa maneira, corroboramos a nossa hipótese de que Recomendação e Ameaça não instanciariam verbo no Infinitivo Passado. Por questões de clareza, consideremos a tabela 13, no fim desta subseção.

(40) “Atque unus ex captivis “Quid vos,” inquit, “hanc miseram ac tenuem sectamini praedam, quibus **licet** iam **esse fortunatissimos**?” (CÉSAR, *Gal.*, 6.35)

Glosa: E um de cativos “Por que vó”, disse “esta mísera e insignificante perseguis presa, quais é lícito já estar afortunadíssimos?”

Tradução: E um dos cativos disse: “Por que vós perseguis esta mísera e insignificante pilhagem, que já é lícito que os afortunadíssimos **tenham**?”

(41) “ludite ut libet, et brevi liberos date. non **deceat** tam vetus sine liberis **nomen esse**, sed indidem semper ingenerari.” (CATULO, *Car.*, 61)

Glosa: diverti como agrada, e logo filhos dai, não é conveniente tão antigo sem filhos sobrenome haver, mas do mesmo lugar sempre ser engendrado.

Tradução: Diverti (vós) como (lhe) agrada, e dai filhos em pouco tempo. Não é conveniente **haver** um **sobrenome** tão antigo sem filhos, mas sempre ser engendrado do mesmo lugar.

(42) “... cum desiderio meo nitenti carum nescio quid **libet iocari** et solacium sui doloris, credo ut tum gravis acquiescat ardor...” (CATULO, *Car.*, 2)

Glosa: quando ternura minha luzente querida não sei que agrada se divertir e breve alívio da sua dor, acredito que então funesta abrande paixão.

Tradução: Quando ao luzente objeto da minha ternura **agrada se divertir** com não sei que coisa querida e breve alívio de sua dor, acredito, então, que a funesta paixão se abrande.

(43) “... sed tamen hac ipsa **tibi**, si **uti** cupias, non **licet**; vetat te Volcatius, tuae tuorumque deliciae, mentionem mancipis facere...” (CÍCERO, *Ver.*, 2.3.176)

Glosa: mas contudo desta mesma a ti, se usufruir desejos; proíbe te Vocaltio, teus dos teus e deleites, menção do proprietário fazer.

Tradução: Mas, mesmo assim, não é lícito que **tu**, se desejares, **usufruas** desta mesma (lei); Volcatio, teus deleites e dos teus, proíbe que tu faças menção do proprietário.

¹¹ A respeito disso, Murachco (2009) comenta que a evolução semântica desses verbos é obscura (p. 151).

(44) “Id quibus ut fiat rebus cognoscere possis, principio **meminisse** decet quae diximus ante, semina multimodis in rebus mixta teneri.” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 4. 642 – 644)

Glosa: isso por quais para que aconteça meios reconhecer possas, sobre o primórdio lembrar é oportuno o que dissemos antes, sementes de vários tipos em coisas misturadas estar contida.

Tradução: Para que possas reconhecer por quais meios isso acontece, **é oportuno** que (te) **lembres** o que dissemos antes sobre o primórdio, (que) as sementes estavam contidas em vários tipos de coisas.

Tempo e Voz do Infinitivo/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Presente Ativo	65 (80,2%)	8 (88,9%)	2 (100%)	75 (81,6%)
Presente Passivo	12 (14,9%)	–	–	12 (13%)
Presente Depoente/ Semidepoente	4 (4,9%)	–	–	4 (4,3%)
Passado Ativo	–	1 (11,1%)	–	1 (1,1%)
TOTAL	81	9	2	92

Tabela 13: Distribuição da realização do sujeito da construção [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas.

5.2.5. Classe verbal do Infinitivo

Novamente, consideramos a proposta de Chafe (1979) para classificar a classe semântica do verbo no Infinitivo (cf. 5.1.5.). A Constatação apresentou ampla preferência por verbos de processo (42%) (45), ao passo que a Recomendação instanciou mais verbos de ação (66,7%) (46). Já a Ameaça, além de ter instanciado apenas verbos de Ação e de Processo (3 e 36, respectivamente), elas apresentaram um equilíbrio de ocorrência entre si nessa construção.

(45) “Id licet hinc etiam **cognoscere**: caedere si quem ancipiti videas ferro procul arboris auctum, ante fit ut cernas ictum quam plaga per auris det sonitum...” (LUCRÉCIO, *Nat.*, 6. 167 – 170)

Glosa: isso é lícito daí também compreender: cortar se alguém com dois gumes veja machado a distância de árvore tronco, antes acontece que percebes pancada do que estrondo som por ouvido dê som.

Tradução: Daí é lícito que **compreendas** isso também: se veres alguém à distância cortando o “tronco” de uma árvore com um machado de dois gumes, acontece que percebes a pancada antes dela ressoar o som pelos seus ouvidos.

(46) “mora tarda mente cedat: simul ite, sequimini ... ubi suevit illa divae volitare vaga cohors, quo nos **deceat** citatis **celerare** tripudiis.” (CATULO, *Car.*, 63)

Glosa: demora inepta da mente vá embora: logo vinde, segui ... onde acostumou aquela da deusa correr daqui e dali errante corte, onde a nós é conveniente para rápidas apressar danças.

Tradução: Que a inepta demora vá embora da (tua) mente: vinde logo, segui (...) onde aquela corte errante da deusa acostumou a correr daqui e dali, onde **é conveniente** que nos **apressemos** para as agitadas danças rápidas.

Em menor quantidade, houve ocorrências de verbos de Ação (34,6%) (47), Estado (11,1%) (32) e de Ação-Processo (12,3%) (48) na construção de Constatação. Na de Recomendação, por seu turno, verifica-se ocorrências também de verbos de Processo (11,1%) (44) e de Estado (22,2%) (38).

(47) “Nonne id **quaeri oportet**, utrum possessorem esse oporteat?” (CÍCERO, *Ver.*, 2.1.116)

Glosa: acaso isso seja questionado é oportuno, dos dois proprietário ser convém?

Tradução: Acaso **é oportuno** que isso **seja questionado**, a qual dos dois convém ser proprietário?

(48) “...noli enim existimare mihi non solitudinem iucundiores esse, qua tamen ipsa **uti** non licet, quam sermones eorum, qui frequentant domum meam, excepto uno aut summum altero.” (CÍCERO, *Fam.*, 5.21)

Glosa: não pois considere para mim não solidão prazerosa é, de qual contudo ela mesmo desfrutar não é lícito, do que sermões deles, que frequentam casa minha, exceto de uma ou no máximo duas.

Tradução: Pois não considere que a solidão não é mais prazerosa para mim (dela mesmo, contudo, não **é lícito desfrutar**), do que as conversas deles que frequentam a minha casa, exceto de uma ou, no máximo, duas.

Por questões de clareza, consideremos a tabela 14 a seguir que sintetiza a distribuição das ocorrências dessas classes verbais pelas três construções.

Tipo verbal/ Semântica	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Ação	28 (34,6%)	6 (66,7%)	1 (50%)	35
Processo	34 (42%)	1 (11,1%)	1 (50%)	36
Estado	9 (11,1%)	2 (22,2%)	–	11
Ação-Processo	10 (12,3%)	–	–	10
TOTAL	81	9	2	92

Tabela 14: Distribuição das classes semânticas do Infinitivo da construção [V_{IMP} PRES/ PASS (SUJ) V_{INF}] conforme as semânticas.

5.2.6. O gênero literário e a Semântica da Construção

Mais uma vez, relacionando a semântica da construção com o gênero literário, verificamos que, conforme o esperado, a poesia didático-filosófica de Lucrécio (94,6%), bem como a historiografia de César (100%) apresentaram predileção pela seleção da construção de Constatação. Não corroboramos a hipótese de que a epistolografia ciceroniana instanciará mais construções de Recomendação (26,3%) e Ameaça (5,3%). Em vez disso, tal gênero apresentou uma alta produtividade das construções de Constatação (68,4%). Confirmamos em parte a hipótese de que as Verrinas de Cícero e a Poesia amorosa de Catulo selecionariam sem distinção as três construções. Com efeito, o discurso acusatório selecionou construtos de Constatação (92%), de Recomendação (4%) e de Ameaça (4%), ao passo que a poesia catuliana, somente as de Constatação (87,5%) e de Recomendação (12,5%).

Gênero/ Locução impessoal	Constatação	Recomendação	Ameaça	TOTAL
Cartas pessoais de Cícero	13 (68,4%)	5 (26,3%)	1 (5,3%)	19
Discurso Jurídico de Cícero	23 (92%)	1 (4%)	1 (4%)	25
Historiografia de César	3 (100%)	–	–	3
Poesia amorosa de Catulo	7 (87,5%)	1 (12,5%)	–	8
Poesia didático-filosófica de Lucrécio	35 (94,6%)	2 (5,4%)	–	37
TOTAL	81	9	2	92

Tabela 15: Distribuição das classes semânticas do Infinitivo da construção [V_{IMP} PRES/ PASS (SUJ) V_{INF}] conforme os gêneros literários.

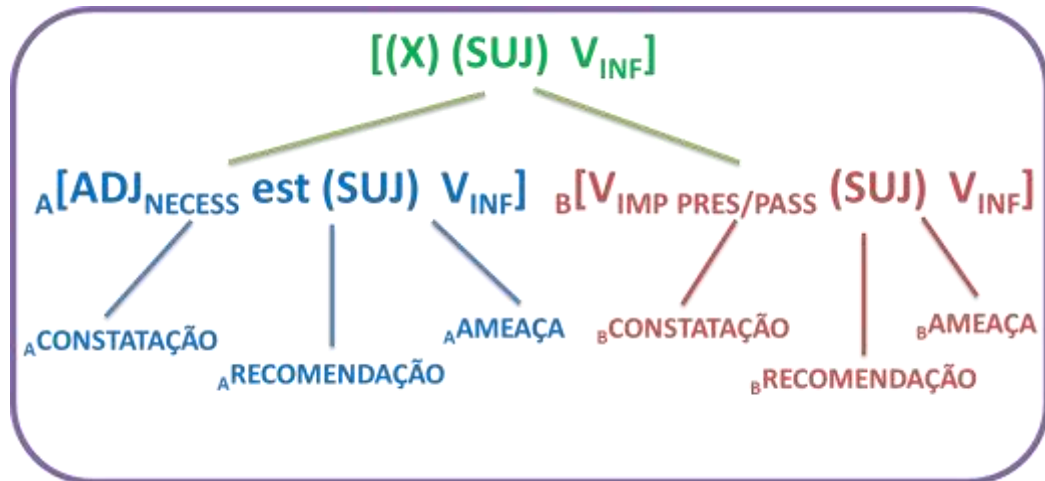
6. Considerações Finais

Sintetizando os resultados obtidos, comparemos e comentemos as preferências seletivas dos verbos e locuções impessoais, começando pela estrutura [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}]. As construções de Constatação e de Recomendação apresentam algumas preferências seletivas comuns: ambas apresentaram não só um relativo equilíbrio entre as ocorrências da forma apagada e da forma plena do sujeito, como também uma preferência por verbos de ação no Infinitivo Presente Ativo. A Ameaça, por seu turno, compartilha apenas com as outras duas construções a predileção por sujeito no acusativo. Nesse ponto cabe destacarmos a construção de Recomendação, além do acusativo, também instanciou na mesma proporção o dativo. No que tange às demais preferências, a Ameaça instanciou mais frequentemente a forma plena do sujeito e verbos de ação-processo no Infinitivo Presente Passivo. Quanto ao gênero literário em que cada força ilocucionária foi mais produtiva, verifica-se o seguinte: a Constatação foi altamente produtiva nas cartas pessoais de Cícero, no discurso jurídico de Acusação contra Verres desse mesmo autor e na poesia didático-filosófica de Lucrécio; a Recomendação, por sua vez, foi produtiva nas cartas pessoais de Cícero e a Ameaça, por fim, no discurso de acusação contra Verres desse mesmo autor.

Isso tendo sido exposto, discorremos agora sobre a estrutura [V_{IMP PRES/ PASS} (SUJ) V_{INF}]. Diferentemente da anterior, tal estrutura apresentou mais semelhanças quanto às preferências seletivas nas construções de Constatação, Recomendação e Ameaça. Estas três apresentaram predileção pelo verbo impessoal no Presente, pela forma não realizada do sujeito e pelo verbo no Infinitivo Presente Ativo. Quando expresse o sujeito, a Constatação e a Recomendação instanciaram mais formas no Acusativo – a Ameaça não apresentou ocorrências da forma plena do sujeito. Essas três construções só apresentaram diferenças quanto a classe semântica do Infinitivo: a Constatação apresentou preferência por verbo de processo, enquanto que a Recomendação, por verbo de ação. A Ameaça, por sua vez, apresentou um equilíbrio entre aqueles dois. Quanto à distribuição dessas forças ilocucionárias pelos gêneros literários, verifica-se que a Constatação foi amplamente recrutada pelo discurso jurídico de acusação contra Verres de Cícero e pela poesia didático-filosófica de Lucrécio; ao passo que a Recomendação, pela cartas pessoais de Cícero e a Ameaça, pelo discurso jurídico de acusação contra Verres de Cícero e também pelas cartas pessoais desse mesmo autor.

Com base nisso, propomos uma rede na qual há a construção mais geral e abstrata [(X) (SUJ) V_{INF}] no nível das macroconstruções. Nessa notação, o (X) representa genericamente a locução e o verbo impessoal, isto é, as estruturas [ADJ_{NECESS} est (SUJ) V_{INF}] e [ADJ_{NECESS} est

(SUJ) V_{INF}], que, por seu turno, funcionam, na língua latina, como alternativas para a expressão de Constatação, Recomendação e Ameaça. A título de clareza representamos essa rede a seguir:



Esquema 4: proposta de rede construcional das construções impessoais no latim clássico

Como próximos passos, pretendemos estender a análise para o comportamento morfossintático das construções impessoais que selecionam Indicativo e Subjuntivo, não contempladas no presente estudo em virtude do recorte metodológico. Pretendemos também verificar o comportamento de tais construções no latim arcaico a fim de se estabelecer um estudo diacrônico e ampliar a rede de construções impessoais, abarcando da fase arcaica até a clássica da língua latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John L. (1975), *How to do things with words*, 1962, Oxford University Press, 2a Edição;

BAKHTIN, M. & VOLOCHINOV, V.N. *Os Gêneros do discurso*. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, págs. 261-306;

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Stanford, 2000;

BESSELAAR, J J van den. *Propylaeum latinum, Vol. I, Sintaxe Latina Superior*. São Paulo: Herder, 1960;

BOTELHO, José Mario. *Pequeno Dicionário de Latim – Português*. Rio de Janeiro: Botelho, 2014;

BYBEE, Joan. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003;

_____. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. *Language*, Washington, n. 82(4), p. 529-551, 2006;

_____. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010;
CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. *Gramática Latina*. São Paulo: EDUSP, 1986;

CEZARIO, M. M.; FURTADO, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2013;

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001;

FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958;
_____. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: CMNE, 1967;
2006;

GOLBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995;

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006;

_____. *Constructionist Approaches to Language*. In: Thomas Hoffmann and Graeme Trousdale (eds.) *Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013;

Hilpert, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014;

JOSEPH, B. and JANDA, R.D. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: MURACHCO, France Y. *Uma abordagem não normativa dos fatos da língua latina*. 2009. 299 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009;

LANGACKER, Ronald W.. Construction grammars: Cognitive, radical, and less so. In Francisco J. Ruiz de Mendoza Ibañez & M. Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive linguistics: Internal dynamics and interdisciplinary interaction*, 101–159. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

Perseus Digital Library. Disponível em < <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>>. Acesso em 20/03/2017;

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções à Gramática de Construções Baseada no Uso. In: TELES, P. A.; FERRARI, L.. *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

SEARLE, J. R. *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. Cambridge: At the University Press 1969;

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: University Press, 2013.